
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 29 No. 1 2016

ARTIGO

A TRADIÇÃO VIEIRA VISTA DE OUTRA PERSPECTIVA: UMA ANÁLISE TECNOLÓGICA ONTOLOGICAMENTE ORIENTADA (E INTERPRETADA)

Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro*

RESUMO

Neste artigo, tentarei mostrar que, a partir de uma abordagem ontologicamente orientada, embasada na conjugação de referenciais arqueológicos e antropológicos, é possível levantar novas hipóteses e interpretações sobre as cerâmicas da tradição Vieira e assim contribuir com o rompimento do viés etnocêntrico, evolucionista e preconceituoso que, por décadas, perdura na arqueologia. Partindo da máxima de que “ausência de evidência não é evidência da ausência”, apresentarei possibilidades alternativas de interpretação destes vestígios arqueológicos, e tentarei mostrar que uma ótica mais alinhada ao pensamento nativo pode ser o corretivo necessário à superação das limitações impostas por uma visão predominante e (aparentemente) consolidada sobre os coletivos cerriteiros de tempos passados, o que, em última instância, obstrui e dificulta nossas construções e formulações sobre os povos originários da América do Sul antes da conquista europeia.

Palavras-chave: Cerritos; Tradição Vieira; Tecnologia Cerâmica.

ABSTRACT

In this article, I will try to show that from an ontologically orientated approach based on the combination of archaeological and anthropological frameworks it is possible to raise new hypothesis and interpretations about the Vieira tradition pottery and by doing so, break apart from the ethnocentric, evolutionist and prejudiced bias that endures in archaeology for decades. Building over the idea that “absence of evidence is not evidence of absence”, I will present some alternative interpretation possibilities for those archaeological remains and attempt to show that a point of view more aligned with the native thought may be the necessary corrective for overcoming the limitations imposed by a predominant and (apparently) consolidated view about the cerrito’s collectives of past times. What ultimately obstructs and hampers our constructions and formulations about the native peoples of South America before the European conquest.

Key words: Cerritos; Vieira Tradition; Pottery Technology.

* Formando do Bacharelado em Antropologia com Linha de Formação em Arqueologia, pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Bolsista de Iniciação Científica (PIBic) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e estagiário no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/ICH/UFPEL). Contato: brunoleo.ribeiro@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Em uma publicação anterior (RICARDO RIBEIRO & MILHEIRA, 2015), foi superficialmente pincelado sobre o “papel ativo” da “tralha doméstica” de coletivos nativos no cotidiano do grupo, onde deixamos claro que esta é uma noção muito cara à pesquisa desenvolvida e que demandaria um artigo especialmente dedicado a essa discussão. Neste artigo, portanto, discutirei, de maneira mais aprofundada, alguns aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa desenvolvida, e tentarei suprir essa lacuna, deixada em aberto no trabalho anterior por seu caráter mais voltado à apresentação geral da pesquisa realizada e dos resultados através dela obtidos¹. Este artigo, vale ressaltar, foi elaborado a partir dos resultados levantados durante minha pesquisa de iniciação científica^{2,3} (PIBIC) e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de Bacharel em Antropologia com linha de formação em Arqueologia⁴, que se dedica a um estudo arqueológico e antropológico de vestígios cerâmicos oriundos, dentre outros, das escavações de *cerritos* identificados no Banhado do Pontal da Barra, Pelotas-RS (fig.01).

Cerritos, cabe dizer, são montículos antrópicos característicos de uma manifestação cultural associada a ocupações de grupos indígenas pampeanos ao longo de um grande polígono que envolve praticamente todo o território uruguaio, o sul do estado do Rio Grande do Sul e a província de Entre-Ríos na Argentina (IRIARTE, 2007; CABRERA PÉREZ, 2013). São montículos constituídos majoritariamente de terra e grandes quantidades de refugo alimentar, animal e vegetal, além de fragmentos ósseos, líticos e cerâmicos caracterizados como pertencentes à tradição arqueológica Vieira.

¹ Assim, para maiores detalhes sobre a pesquisa realizada como um todo e uma caracterização mais aprofundada do “fenômeno” cerrito e das cerâmicas da tradição Vieira, ver Ricardo Ribeiro e Milheira 2015.

² Pesquisa realizada no âmbito do projeto “Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim” (MILHEIRA, 2014A).

³ Pesquisa selecionada para representar a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) na 13ª edição do Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), categoria Iniciação Científica, grande área Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes.

⁴ TCC intitulado *Cacos de Gente: um estudo de caso (re)interpretativo da “tradição Vieira” a partir de coleções cerâmicas coligadas no Pontal da Barra e na Lagoa do Fragata, Pelotas/RS*, a ser defendida no segundo semestre de 2016.

Figura 1 - Imagem de satélite do Banhado do Pontal da Barra com a inserção espacial dos cerritos analisados. Fonte: *Google Earth*.



Numa rápida apresentação, a tradição Vieira foi estabelecida seguindo a cartilha de seriação estilística, tipologia e cronologia para culturas e tecnologias de James Ford, enfaticamente promulgada no Brasil, durante as décadas de 1960-70, pelos pesquisadores norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans através do PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (DIAS, 1995). Comumente, a “tradição Vieira” é caracterizada como uma indústria cerâmica “simples” e “homogênea”, produto de uma “*Sociedade Marginal*” (STEWART, 1946) de baixo esmero, sem grandes investimentos decorativos, produzida por artesãs(os) de pouca habilidade e de caráter estritamente utilitário; coleções tão escassas e tão fragmentadas que não permitiriam estudos muito aprofundados. Esta é, inclusive, a visão de alguns especialistas que se debruçaram sobre os conjuntos cerâmicos dos cerritos e algo amplamente divulgado através do modelo “clássico” publicado na tese de Livre docência de Pedro Ignácio Schmitz (SCHMITZ, 2011[1976]). Essa caracterização, que aqui é entendida como uma “sobrevivência interpretativa” da escola histórico-culturalista, outrora predominante no pensamento arqueológico brasileiro, parece ter contribuído, também, para a manutenção da tradição Vieira na “periferia” do cenário arqueológico brasileiro, o que relegou seus estudos a segundo plano. Em retrospecto, pesquisas sobre as cerâmicas dos cerritos do Sul do Brasil são escassas e, em sua maioria, meramente descritivas (por exemplo: NAUE *et al.*, 1968; COPÉ, 1991; SCHMITZ *et al.*, 2006; FINKLER, 2014), o que só tem corroborado a já estabelecida imagem depreciativa das cerâmicas da “tradição Vieira”. Mesmo no Uruguai, onde as pesquisas sobre os “*cerritos de índio*” receberam um impulso processual e se reoxigenaram ao longo das décadas de 1980-90 (IRIARTE, 2007; CABRERA PÉREZ, 2013), poucos foram

os esforços realizados na direção de um estudo sobre estas ocupações que contemple de maneira significativa seus vestígios arqueológicos cerâmicos.

Assim, buscando promover a atualização e o enriquecimento da diversidade social e cultural dos estudos arqueológicos e historiográficos regionais, adotei, nesta pesquisa, uma abordagem diferenciada e ontologicamente orientada para a interpretação destes vestígios cerâmicos, pautada por forte referencial teórico antropológico. Respeitando as peculiares características das coleções estudadas, evitando análises simplistas e comparativas com indústrias cerâmicas de outras culturas indígenas e desvinculado de noções apenas utilitaristas do conceito de tecnologia, o principal objetivo do trabalho desenvolvido foi exatamente promover uma (necessária) atualização dos estudos sobre a cerâmica cerriteira, além da tentativa de desconstruir a visão etnocêntrica de simplicidade e homogeneidade técnica normalmente associada a ela.

Para alcançar tal objetivo, realizei um estudo arqueológico embasado no levantamento minucioso das técnicas e tecnologias envolvidas nas cadeias operatórias dos vestígios cerâmicos coligidos durante as escavações destes cerritos e interpretei estes dados a partir de noções referenciais teórico-interpretativas oriundas da antropologia, relacionadas ao *animismo* (DESCOLA, 2006) e a *tecnologia* como um conjunto sistêmico de relações sociotécnicas (LEMONNIER, 1986, 1993; PFAFFENBERGER, 1992). Metodologicamente, procurei realizar uma análise tecnológica apoiada em referenciais técnicos já consagrados na arqueologia brasileira (CHMYZ, 1976; LA SALVIA & BROCHADO, 1989; PROUS, 1992; dentre outros), balizada por um estudo simétrico pautado pela *Teoria do Ator-Rede* (LAW, 1992; LATOUR, 1994, 2006). O foco deste trabalho, então, se dirigiu tanto à descrição das cadeias operatórias destas cerâmicas, no seio do coletivo que as deram origem, quanto à identificação das relações existentes entre pessoas e coisas.

APORTES TEÓRICOS PARA UMA INTERPRETAÇÃO ONTOLOGICAMENTE ORIENTADA

O primeiro ponto a ser ressaltado aqui é que, nesta pesquisa, os coletivos cerriteiros são entendidos como grupos de ontologia animista. Quando pensamos em grupos nativos das Américas e não apenas das terras baixas da América do Sul, mas também da América Central e quase toda a costa oeste da América do Norte até o Alasca (FAUSTO, 2002; VIVEIROS DE CASTRO, 2002; ALBERTI, 2006; DESCOLA, 2006; BAPTISTA DA SILVA, 2008, 2010, 2011; GOMES, 2012; VANPOOL & NEWSOME, 2012; LIMA, 2013; para citar alguns trabalhos), via de regra — e mesmo dada a heterogeneidade de etnias presentes neste vasto território, o que as pesquisas parecem demonstrar é que todas compartilham, mesmo que variações⁵ possam ocorrer, de uma ontologia

⁵ Vale frisar que, nesta pesquisa, entendo o Perspectivismo como uma variação regional do animismo que, mesmo sendo amplamente verificada, pode não ser, necessariamente, regra. Ou, ainda, resultante de transformações locais e específicas de cunho variado (DESCOLA, 2006). Assim, objetivando me livrar do risco de uma especificação demasiada e desnecessária, prefiro tratar os coletivos cerriteiros de uma perspectiva ontológica mais ampla, ao menos inicialmente, o

que pode ser caracterizada como animista nos moldes propostos por Philippe Descola (DESCOLA, 2006) ou Tim Ingold (INGOLD, 2013).

Grosso modo, o animismo, de acordo com Descola (DESCOLA, 2006), se caracterizaria por uma *visão de mundo* que garantiria a todos os seres uma interioridade semelhante e *cultural*⁶, onde apenas sua exterioridade seria diferenciada, sendo que essa atribuição de uma interioridade similar contemplaria todos os seres existentes no mundo. Se seguirmos os apontamentos de Ingold (INGOLD, 2013) sobre os coletivos animistas, percebemos que, nessa ontologia, pessoas, animais, fenômenos e até mesmo os objetos são dotados de interioridade⁷ (“alma”). Essa interioridade, como também apontada por Descola (DESCOLA, 2006) e Eduardo Viveiros de Castro (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), é semelhante tanto para humanos quanto não-humanos. Ainda segundo esses autores, o que delimita cada “grupo” ou “tribo” nas ontologias animistas são suas características externas, sua fisicalidade (seu “corpo”). Assim, seres humanos formam a tribo humana, jaguares formam a tribo dos jaguares, antas formam a tribo das antas e — por que não? — potes formam a tribo dos potes! Todos estes grupos, dada a continuidade e o compartilhamento de interioridades similares, não se diferem uns dos outros em gênero, apenas em grau. É esta percepção ontológica de uma diferença “mínima” que permite aos coletivos animistas, através da prática do xamanismo, a transposição de tais barreiras e a comunicação entre as diferentes espécies da natureza. E mais: é o que permite a própria construção de identidades étnicas e pessoais (VIVEIROS DE CASTRO, 1978; SEEGER, DA MATTA & VIVEIROS DE CASTRO, 1979).

Essa premissa foi fundamental à pesquisa realizada, pois me forçou a pensar os fragmentos cerâmicos estudados a partir de outra perspectiva, como partes de *coisas vivas* (INGOLD, 2012, 2013), coisas vivas que atuam e interagem na vida cotidiana. Em suma, me forçou a pensá-los como *cacos de gente* e, com isso, buscar novas maneiras para abordar o *pote vivo* na evidência arqueológica.

METODOLOGIA ADOTADA

Para satisfazer tal necessidade, a primeira resposta encontrada foi a adoção de uma concepção de tecnologia que não se apoiasse nas ideias utilitaristas de “estímulo-resposta”; de tecnologia como ferramenta de adequação ao meio ou atendimento de necessidades humanas. Daí a adoção do conceito de tecnologia como um sistema *sociotécnico*, em comunhão com as proposições de Ingold (INGOLD, 2000), de Pierre Lemonnier (LEMONNIER, 1986, 1993), de Bryan Pfaffenberger (PFAFFENBERGER, 1992, 2001) e de outros tantos que preferem pensá-la por suas associações com outras relações coletivas, como produto de uma imbricada rede interligada e indissociável que envolve elementos tanto

que me permitiria, inclusive, maior margem de aprofundamento se, no eventual avanço das pesquisas, revelar-se necessário.

⁶ Para maiores detalhes da visão cosmogônica relacionada à interioridade cultural dos seres, ver também Viveiros de Castro, 2002.

⁷ Como exemplo de uma etnografia brasileira sobre objetos dotados de interioridade, ver Ana Gabriela Morim de Lima (LIMA, 2013).

culturais quanto sociais, naturais e cosmológicos. Um *constructo* sociotécnico. Entretanto, a ideia de tecnologia como construção social que evoco aqui não se apoia em uma “visão transcendental da sociedade como um sujeito autônomo e onisciente” (DESCOLA, 2002:95), mas sim em uma presumida e necessária compatibilidade entre um dado conjunto de técnicas e uma série de outros elementos constituintes, presentes no interior dessa rede de relações. Posto de outro modo, a “tecnologia cerâmica cerriteira” estaria em sintonia com a “cosmologia cerriteira”, a “sociedade cerriteira” e o “meio ambiente cerriteiro”.

Ainda assim, um problema permanecia: mesmo partindo de uma concepção mais “contemporânea” de tecnologia, que melhor se adéqua à premissa aqui adotada dos coletivos cerriteiros como grupos animistas, como partir de “fragmentos” e chegar em coisas vivas? Para viabilizar tal argumento, foi fundamental à interpretação dos dados a aplicação de uma abordagem pautada pelas noções de *arqueologia simétrica* (OLSEN, 2007; SHANKS, 2007; WEBMOOR, 2007; WITMORE, 2007; WEBMOOR & WITMORE, 2008; ALBERTI *et. al.*, 2011; dentre outros), pois seu grande diferencial e sua validade para estudos relacionados a coletivos animistas é a superação da dita postura “humanocêntrica” que permeia os estudos científicos positivistas, e a tentativa de colocar em pé de igualdade, em uma perspectiva analítica, diferentes tipos de coisas vivas. Nas propostas simétricas, “agência” é entendida como igualmente distribuída entre todos os elementos que constituem um dado coletivo, e essa parece ser a realidade dos coletivos animistas (para tanto, basta olharmos para algumas etnografias ou relatos mitológicos de grupos animistas para percebermos o papel “central” desempenhado também por vários tipos de coisas e animais); por isso me pareceu que a melhor ferramenta para investigar o campo de ação das cerâmicas no coletivo cerriteiro do Pontal da Barra seriam as propostas embasadas diretamente sobre a noção de simetria, como a *Teoria do Ator-Rede* (TAR) ou a de *Ambiente Sem Objetos* (ASO).

Por se tratar de uma proposta mais recorrente e mais conhecida na arqueologia brasileira, optei por trabalhar com a Teoria do Ator-Rede – normalmente associada a Bruno Latour – e não com a de Ambiente Sem Objetos (INGOLD, 2012). Mas cabe ressaltar que, em minha interpretação sobre essas duas propostas, suas diferenças parecem ser puramente discursivas, não ontológicas – apesar das críticas de Ingold à Teoria do Ator-Rede –, e exatamente por isso não vejo problemas no embasamento de minha proposta metodológica sobre ambos os autores. Com a Teoria do Ator-Rede Latour (LATOURE, 1994, 2006), John Law (LAW, 1992) e outros propõem uma ruptura tanto com a rígida dicotomia entre social e natural quanto com a tradicional concepção de que a dinâmica de uma sociedade envolve apenas seres humanos agindo ativamente. Para estes autores, uma sociedade deve ser concebida como uma rede fluida de relações que envolve atores humanos e não humanos (coisas, fenômenos, animais e etc.) em igual medida e que, para ser realmente entendida, todos os elementos que constituem essa rede devem ser estudados de maneira equivalente (*simétrica*), pois cada um destes elementos é um agente e uma rede em si mesmo. Mais que *conexões* dessa rede, também são uma rede constituída por uma série de outros elementos.

Posto de outra maneira, também usando como exemplo meu objeto de estudo, ao mesmo tempo em que um pote cerâmico desempenharia papel de “agente” na trama social de um coletivo (comunicando e reafirmando uma visão de mundo muito específica, por exemplo; ou de maneira similar à função do xamã⁸, atuando diretamente na transformação da “caça” em “alimento”), é, ao mesmo tempo, constituído por uma série de outros elementos que desempenham papel ativo em sua constituição (a “rede” de relações estabelecidas pelo barro, a areia adicionada, a oleira que deu sua forma, o fogo que o enrijeceu etc.). Daí a importância de um levantamento minucioso de cada um dos atributos (ou *conexões*) que constituem os potes e fragmentos. Aqui, acredito, já se esclarece a importância que teorias simétricas como a TAR ou a ASO desempenham nesse estudo, pois são estas ferramentas metodológicas que fornecem o elo entre o conceito animista proposto e aqui associado aos coletivos cerriteiros e a concepção de tecnologia adotada.

Como exemplo do diferencial desta abordagem, poderia citar que tal triangulação teórica permite um melhor entendimento sobre, por exemplo, as questões do “mal acabamento” e da baixa variabilidade morfológica comumente atribuídas a potes cerâmicos cerriteiros. Como apresentarei mais adiante, normalmente tais fatores são explicados a partir de postulados utilitaristas (além da tradicional resposta de “inaptidão ou limitação técnica”), mas, na perspectiva adotada nesta pesquisa, podem ser interpretados a partir de uma ideia embasada na noção de *devir* ontológico: Uma rede de relações de ordem ontológica que demandaria tais cerâmicas serem de determinada maneira, pois é essa *exterioridade* recorrente que caracterizaria a “tribo dos potes” que integrava o coletivo cerriteiro: um “corpo” diferente não seria um corpo de pote. Como dito, no animismo, as interioridades são similares a todos os seres, sendo características apenas as exterioridades.

ANÁLISE CERÂMICA

Como dito anteriormente, um estudo simétrico demanda um levantamento acurado do maior número possível de “conexões” presentes numa rede de relações. Esta premissa, quando aplicada ao estudo de coleções cerâmicas, como é o caso deste trabalho, aponta para um exercício empírico que viabilize o levantamento minucioso do maior número possível de atributos e características tecnológicas, tanto produtivas quanto de uso. Assim, ao mesmo tempo em que busquei realizar um estudo analítico das técnicas envolvidas na cadeia operatória de cada coleção cerâmica, tentei adotar um viés interpretativo que possibilitasse a descrição e o entendimento de seus processos de confecção e funcionalidade, fosse utilitária ou simbólica, tendo como principais objetivos não só a remontagem dos potes cerâmicos, mas também o estudo individual dos fragmentos. Daí as atenções igualmente divididas entre a busca de atributos físicos similares que possibilitassem a identificação e associação de fragmentos

⁸ Numa comparação com a função desempenhada pelo xamã como apresentado por Fausto (FAUSTO, 2002) e Viveiros de Castro (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), que nos informam sobre o importante papel do xamã na dessubstancialização da presa antes de seu preparo, o pote também desempenha, acredito, função “exclusiva” na transformação de uma série de alimentos, do cru ao cozido.

diferentes como de um mesmo pote/conjunto, como também fazer um levantamento o mais detalhado possível de todos os vestígios de produção, uso e pós-deposição presentes em todas as amostras, buscando a identificação do maior número possível de elementos tecnológicos envolvidos na cadeia operatória destas coleções cerâmicas.

O “sistema” adotado para a análise dos fragmentos é de caráter extremamente técnico e foi elaborado tendo por base extensa bibliografia condizente (CHMYZ, 1976; BRONITSKY & HAMER, 1986; RICE, 1987; SCHIFFER & SKIBO, 1987; LA SALVIA & BROCHADO, 1989; PROUS, 1992; dentre outros). Para tanto, lancei mão de etapas de análise distintas, pautadas pelo preenchimento de uma tabela descritiva, num primeiro momento, e de uma ficha textual, naqueles casos em que se fez necessário, num segundo momento.

A primeira etapa de análise consistiu, basicamente, de um levantamento acurado e geral de todas as características e atributos intrínsecos aos fragmentos cerâmicos analisados individualmente. A tabela foi elaborada em planilha do Excel e contempla todos os possíveis parâmetros da cadeia operatória de um pote, com campos voltados ao levantamento de dados referentes à identificação e procedência do vestígio (número de inventário atribuído à peça, sítio, quadra e nível de escavação); atributos métricos e formais (comprimento, largura e espessura do vestígio); dados morfológicos do pote (como forma e diâmetro do vasilhame, quando possível); atributos tecnológicos produtivos (coloração da argila, tipos de antiplástico, percentual de queima, técnica de produção, tipos de base, de bojo, de borda e de lábio); presença de motivos decorativos e tratamentos aplicados na superfície dos fragmentos (tipos de acabamento de superfície e decorações plásticas e/ou pintadas); presença de marcas de produção e de uso, além do estado geral de conservação da peça.

A etapa seguinte, por sua vez, consistiu da associação e remontagem dos fragmentos em potes, sua descrição — assim como a descrição de traços tecnológicos mais específicos verificados durante a etapa anterior de análise — e também da elaboração de desenhos dos potes e bordas e a fotografia das peças mais significativas (“diagnósticas”) e dos conjuntos (i.e. conjuntos de fragmentos remontados ou associados como fragmentos de um mesmo pote). Esta etapa previa também a digitalização dos desenhos e a extrapolação de alguns destes desenhos em projeções de formas por meio do software de modelagem em três dimensões AUTODESK 3DS MAX. A ficha de análise foi laborada em documento do Word, sendo de preenchimento textual e tendo seu uso voltado aos conjuntos/potes remontados, peças enviadas para realização de análises potencialmente destrutivas, como cromatografia e espectrometria de massa, além de outras ocorrências extraordinárias.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS COLEÇÕES CERÂMICAS DOS CERRITOS PSG-03, PSG-04 E PSG-07

Durante os trabalhos de análise, foi constatado que, para o caso do Pontal da Barra, a presumida “homogeneidade cerâmica” que caracterizaria a tradição

Vieira não se aplica, pelo menos não sem significativas ressalvas. Apesar da verificação de uma relativa baixa variabilidade morfológica dentre as coleções, um aspecto condizente com as caracterizações tradicionais das cerâmicas Vieira, grandes surpresas foram identificadas durante os estudos relacionados a etapas finais de produção, principalmente quanto aos tratamentos de superfície e decorações plásticas. Elementos que, quando observados sob uma ótica diferenciada, como a proposta neste trabalho, diferem radicalmente dos postulados correntes e podem promover a elaboração de hipóteses interpretativas extremamente distintas, como apresentarei em minhas conclusões.

Num panorama geral, foram analisados, no total, 839 fragmentos cerâmicos: 131 fragmentos do cerrito PSG-03 (catálogo nº41); 81 do cerrito PSG-04 (catálogo nº 110) e 624 do cerrito PSG-07 (catálogo nº115). Os materiais oriundos dos dois primeiros cerritos foram analisados integralmente, enquanto para a coleção de amostras PSG-07, mais significativa, foi adotada a premissa de analisar-se apenas os fragmentos cujo ao menos uma de suas dimensões ultrapassem 2cm – salvo nos casos de fragmentos entendidos como “diagnósticos” (bordas ou fragmentos de qualquer parte do vasilhame que apresente motivos decorativos). Para a coleção PSG-07, esse processo resultou na exclusão de cerca de 25% das amostras das etapas de análise (238 de cerca de 900 fragmentos). Essa diferenciação, perceptível entre os valores totais exumados em cada cerrito, em grande parte, estaria relacionada à metodologia empregada durante as atividades de campo: os cerritos PSG-03 e PSG-04 forneceram evidências coletadas durante atividades de campo que se resumiram a retificações de perfil, pois se encontravam já altamente impactados pela ação humana. No cerrito PSG-07, por sua vez, onde foram desenvolvidos trabalhos de escavação mais significativos – pautados pela abertura de uma trincheira de 3x1m escavada em níveis artificiais de 5cm, até a base da camada arqueológica – exumou-se evidências arqueológicas em quantidade também mais significativa.

Antes de prosseguir, acredito também caber aqui algumas linhas sobre o critério adotado para seleção dos fragmentos a serem analisados. Apesar de num primeiro momento parecer arbitrário, o estabelecimento de um critério de seleção não é de todo sem razão e pauta-se sobre duas premissas: em primeiro lugar, deve-se ter em mente o alto nível de fragmentação verificado nestas e em outras coleções oriundas de cerritos da região (*p. ex.* BELLETTI, 2010), dada as intensas atividades tafonômicas e pós-deposicionais recorrentes neste tipo de ocupação que afetam, inclusive, a dispersão espacial dos materiais. O que leva à caracterização destas coleções como uma multiplicidade de pequenos fragmentos. Em segundo lugar, devemos considerar a tradicional correlação existente entre espessura da parede (i.e. espessura do fragmento) e tamanho do pote (RODRIGUES, 2011; MILHEIRA, 2014b): potes de maiores dimensões demandariam paredes mais espessas para sustentar o próprio peso e não entrar em colapso ao longo de sua produção; potes menores, por outro lado, não necessitariam de paredes tão espessas.

Estas duas premissas foram de vital importância às análises desenvolvidas, uma vez que, como mostrarei mais adiante, as coleções estudadas remetem a

potes de razoavelmente pequeno diâmetro — pouquíssimos fragmentos das coleções apresentaram espessura maior que 20mm. Assim, se o critério estabelecido fosse de, por exemplo, 04 ou 05cm de dimensão, uma quantidade relativamente alta de fragmentos não seria analisada e uma parte significativa das informações obtidas e aqui apresentadas talvez sequer fossem constatadas. Por outro lado, a análise integral de todas as amostras demandaria um investimento maior de tempo, despendido com fragmentos dos quais a representatividade, tanto em dimensão quanto em proporção, seria pouco ou nada significativa – vale dizer que o tempo gasto com um fragmento de 01cm ou de 07cm no preenchimento da tabela descritiva é de pouca ou nenhuma diferença.

No que diz respeito à variabilidade morfológica dos potes, e dada a alta taxa de fragmentação verificada nas coleções, projeções de formas dos vasilhames foram realizadas apenas para 28 fragmentos de bordas (dentre 106 identificadas), uma vez que adotei como critério apenas a projeção de formas a partir de fragmentos ou conjuntos de fragmentos cuja representatividade fosse superior a 5% do diâmetro de abertura da borda da vasilha. Majoritariamente as projeções abarcam vasilhas de formas “diretas” (de bojos “simples”, sem inflexões) e diâmetro variando entre 22 a 36cm de boca. As maiores e mais frequentes formas verificadas foram as abertas e paralelas (17 ocorrências), tipo bacias ou panelas, enquanto formas tipo pratos ou tigelas abertas, de menor diâmetro, foram pouco recorrentes (8 ocorrências). Os potes fechados foram escassos (3 ocorrências) e, em sua maioria, poderiam ser descritos como vasilhas de paredes paralelas e bordas levemente infletidas em direção ao interior do pote (fig. 02). Ainda, foram estabelecidas associações ou remontagens de fragmentos que remetem a 06 vasilhas distintas (fig. 03). Estes conjuntos foram estabelecidos através da remontagem ou associação de 4 ou mais fragmentos entendidos como de uma mesma vasilha, fosse através da remontagem direta dos cacos, fosse através da identificação de características físicas similares presentes nos fragmentos (como espessura, tipo de argila e antiplásticos, tratamentos de superfície, presença de motivos decorados ou estigmas de utilização etc.).

Figura 2 - Variabilidade morfológica identificada dentre as coleções do Pontal da Barra.
Elaboração: Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro.

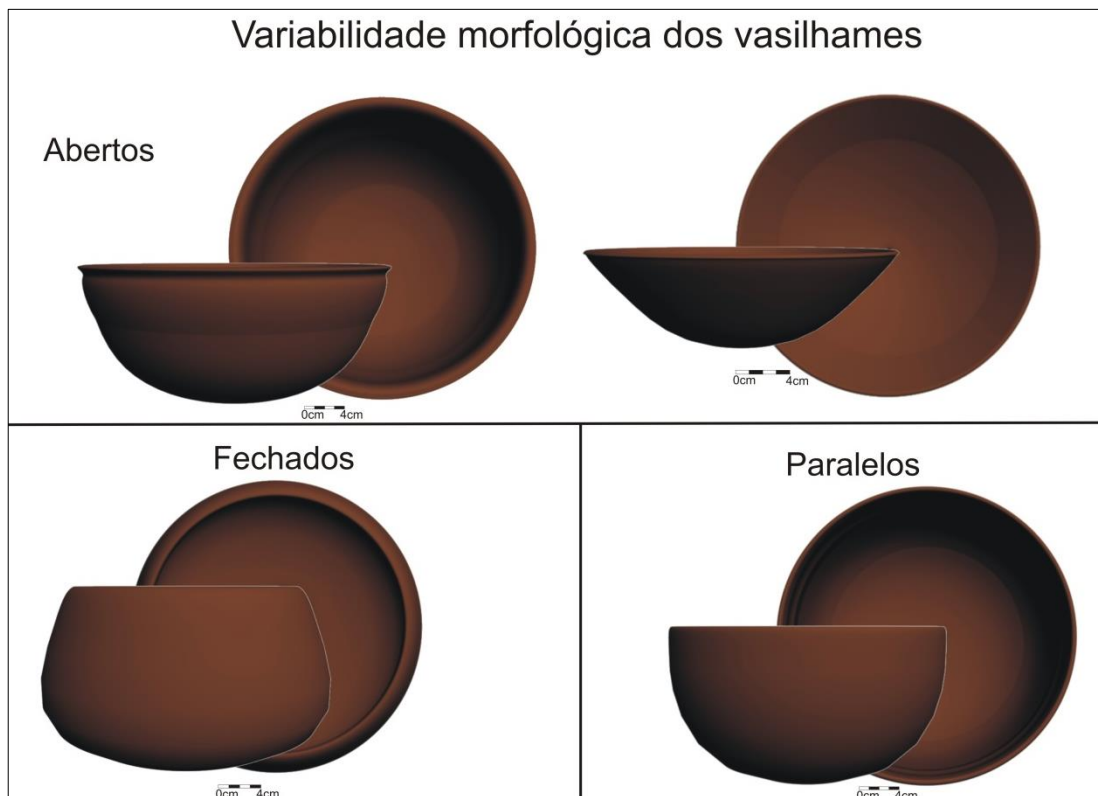


Figura 3 - Conjuntos cerâmicos identificados e potes parcialmente remontados.
Elaboração: Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro.



Em contraposição à baixa variabilidade morfológica, esta “indústria” cerâmica envolvia uma aparente alta variabilidade de matérias-primas e técnicas de produção, principalmente, como dito, no que diz respeito às técnicas associadas a etapas finais de confecção, como os tratamentos dedicados à superfície e decoração dos vasilhames. Apesar de não terem sido verificadas grandes surpresas no que diz respeito aos antiplásticos identificados nas argilas, basicamente diferentes tipos de areia⁹ de granulometria variável, possivelmente já presentes nos bancos e fontes de argila quando da captação das matérias-primas, consegui diferenciar, em função das colorações, a presença de, no mínimo, cinco fontes ou tipos diferentes de argilas integrando as coleções. A variabilidade das colorações identificadas foi, na verdade, muito maior, mas aqui deve-se ter em mente que não apenas a variabilidade destas colorações, mas as próprias características físicas do pote podem sofrer influências não apenas de seus elementos constituintes¹⁰, mas também do grau de queima imposto sobre o pote quando de sua confecção, ou mesmo dos diferentes usos que podem ser feitos destas vasilhas. Assim, para uma definição com maior exatidão dos diferentes tipos de argila presentes nas coleções e se de fato cada uma delas é proveniente de uma fonte argilosa diferente, análises químicas específicas ainda são necessárias. Contudo, diante de tais resultados, parece factível que estas pessoas tivessem acesso a mais de uma fonte de argila para a confecção de seus potes.

Quanto às técnicas de confecção dos vasilhames, esses foram, em sua totalidade, confeccionados por roletes a partir de uma base modelada em forma de disco, sobre a qual seriam sobrepostos finos cordéis de argila que formariam todo o corpo do pote para, posteriormente, serem alisados, secos e queimados (LA SALVIA & BROCHADO, 1989:11). Isso não significa, contudo, que todo pote tenha uma base elaborada a partir de um disco modelado – algumas bases podem ser cordéis “enrolados” sobre uma superfície plana. A partir de uma perspectiva numérica, as ocorrências de cacos modelados foi inexpressiva, totalizando 40 fragmentos. Entretanto, foram sim verificados e caracterizados como fragmentos de base ou bojo (bojo inferior).

Prosseguindo, no que diz respeito aos tratamentos de superfície, não menos que 10 tipos distintos de tratamentos foram identificados, desde alisamentos grossos, que não eliminaram completamente os estigmas de produção associados a etapas anteriores da cadeia operatória, a finos polimentos e alisamentos com estrias de instrumentos mais ou menos regularizados. Inicialmente, os tratamentos de superfície identificados durante as análises poderiam ser divididos em 04 grandes grupos, em função de seu resultado estético final: polido, alisado fino, alisado médio e alisado grosso; com

⁹ Vale lembrar que por areia entende-se um agregado de granulometria mais ou menos homogênea, composto por uma série de elementos minerais, como feldspato, mica e, obviamente, o quartzo, além de impurezas como materiais orgânicos e ferruginosos (PROUS, 1992: 91-92).

¹⁰ Por exemplo, antiplásticos minerais podem influenciar nas capacidades de retenção de calor; elementos ferruginosos e orgânicos, por sua vez, podem interferir tanto na coloração como na resistência e peso final dos potes (BRONITSKY & HAMER, 1986; SCHIFFER & SKIBO, 1987; PROUS, 1992).

clara dedicação preferencial dos acabamentos mais finos às faces internas dos potes.

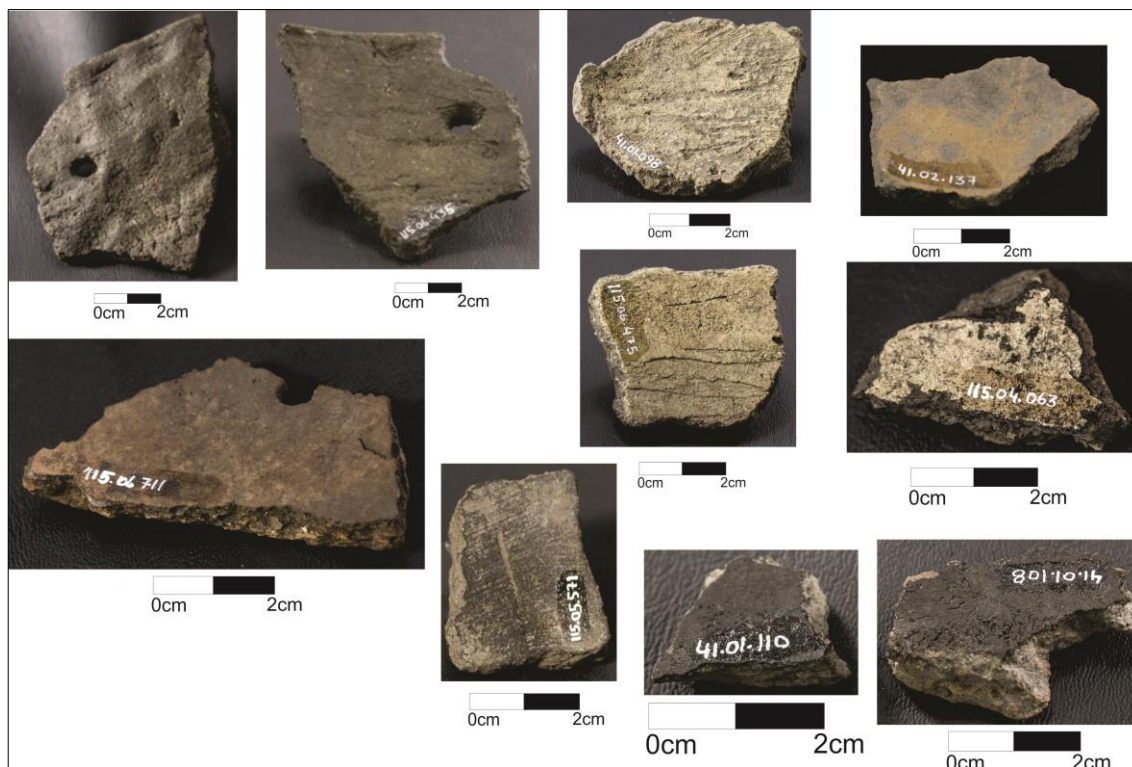
Vale frisar que tais atribuições qualitativas de tipo “fino”, “médio” e “grosso”¹¹ são inteiramente arbitrárias, definidas pelo observador com base nas características gerais das superfícies cerâmicas, podendo variar de pesquisador para pesquisador. Entretanto, acredito que tal leitura, apesar de recorrente, seria extremamente inadequada para a caracterização das coleções em questão, e por isso optei por tratar os acabamentos de superfície não apenas em função de seu resultado estético, mas também pelo sistema técnico envolvido em cada um destes processos de “tratamento final” das peças.

Ao adotar essa ótica da heterogeneidade para a leitura dos tratamentos de superfície, verifiquei a emergência da variabilidade artefactual: mais de 10 tipos distintos de tratamentos, parecendo envolver diferentes instrumentos e distintas técnicas de elaboração, combinados das mais variadas formas. Em alguns casos, inclusive, é possível especular sobre a utilização de determinados objetos, tanto em função dos estigmas deixados por eles quanto pelas técnicas empregadas.

Assim, consegui identificar desde os tradicionais alisamentos “grossos” e “médios”, possivelmente feitos com as próprias mãos; alisamentos com estrias de instrumentos, tanto regulares quanto irregulares, estrias possivelmente relacionadas a instrumentos como palhas, madeiras e seixos angulosos; polimentos extremamente finos, que aparentemente envolveriam o uso de instrumentos como seixos rolados; banhos de argila e/ou outros materiais pigmentantes – que demandariam a elaboração de outra “pasta”, homogênea e diluída, em alguns casos extremamente fina, mas de espessura variável, a ser despejada sobre o pote, deixando-o com uma fina camada de coloração e textura diferenciada em relação à superfície “original” da vasilha –, além, é claro, de possíveis combinações entre estas técnicas e instrumentos (fig. 04).

¹¹ É importante destacar que a terminologia “fino”, “médio” e “grosso”, que foi atribuída aos diferentes tipos de alisamentos, traduz a dificuldade de se caracterizar as técnicas de maneira não pejorativa. É difícil encontrar uma linguagem não-comparativista que comunique as características dos atributos sem que caiamos em termos dicotômicos como “regular” x “irregular”, “bem alisado” x “mal alisado”, ou “fino” x “grosso”. Porém, nesse caso, optei por definir essas categorias levando em consideração a textura, tato e a visualização das peças, logo, os termos “fino” e “grosso” não remetem a diferentes padrões de sofisticação, necessariamente.

Figura 4 - Acima e à esquerda: alisado grosso em face externa de fragmento de borda com furo de suspensão, é possível ver depressões deixadas pelos dedos do artesão durante as etapas iniciais de formatação da vasilha; ao lado: face interna do mesmo fragmento com alisado "médio"; abaixo: face interna de fragmento polido com furo de suspensão; acima e ao centro: fragmentos alisados com estrias irregulares e, abaixo, alisado fino com estrias extremamente regulares; acima e à extrema direita: fragmento de face interna parcialmente desgastada coberta com banho laranja; ao centro e à extrema direita: face interna de fragmento de argila preta com banho branco; abaixo e à extrema direita: fragmentos de argila cinza com faces internas banhadas de preto. Fotos: Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro.



É sabido que os tratamentos dedicados à superfície dos vasilhames podem ter por função tanto uma melhor fixação dos roletes e consolidação da forma dos potes quanto eliminar saliências, irregularidades e elementos “soltos”, como antiplásticos por exemplo (LA SALVIA & BROCHADO, 1989: 25-33), principalmente aqueles presentes no interior da vasilha, que, de outro modo, poderiam interferir no preparo de alimentos, se desprendendo das paredes e se misturando durante o preparo. Daí não surpreende que a grande maioria dos tratamentos considerados finos tenham sido verificados no interior dos potes. Entretanto, algumas das técnicas empregadas nos tratamentos de superfície, ao que parece, ultrapassam esse limiar de caráter estritamente funcional associado ao processamento de alimentos, como seria o caso dos banhos, por exemplo.

Uma vez que o alisamento “tradicional” e dos mais comuns dentre os tratamentos verificados durante os estudos provavelmente atenderia tais necessidades, comecei a considerar a possibilidade de que estes acabamentos mais imbricados talvez estivessem relacionados a escolhas sociotécnicas destes grupos, principalmente se resgatamos as propostas interpretativas de Els Lagrou (LAGROU, 2009) para quem é impossível, tratando-se do pensamento nativo, dissociar funcionalidade e estética, arte e instrumentalidade, uma vez que, segundo a autora, inexistente “entre os povos indígenas, uma distinção entre

artefato e arte, ou seja, entre objetos produzidos para serem usados e outros para serem somente contemplados” (LAGROU, 2009:14). Tal “reviravolta” levou à reinterpretação, inclusive, de uma série de outros dados obtidos, principalmente aqueles relacionados aos vestígios de produção, como possíveis aspectos decorativos.

A partir deste “desmembramento” de técnicas de acabamento verificadas quanto ao tratamento dedicado à superfície dos fragmentos que integram as amostras, comecei a rever minhas leituras e interpretações a respeito daqueles traços, até então entendidos como vestígios de produção, e sua possível relação tanto com os tratamentos de superfície quanto com os motivos decorativos que vinham sendo identificados nas coleções.

A premissa aqui partiu da suposição de que, uma vez que as pessoas que confeccionaram estes vasilhames possuíam as técnicas e os conhecimentos necessários para a elaboração de vasilhas com acabamentos extremamente diferenciados, os quais poderiam ser qualificados como “sofisticados”, como as imagens acima evidenciam, sua opção por não fazê-lo deve, então, ser abordada exatamente assim, como uma *escolha*, não como restrição técnica.

Tendo isso em mente, a questão sobre a presença de certas marcas de produção não eliminadas, como negativos de dedos, unhas ou instrumentos, não pode mais ser satisfatoriamente respondida através dos comuns argumentos relacionados à imperícia ou inaptidão dos artesãos(ãs), ou mesmo de um caráter expediente e utilitário destas cerâmicas (SCHMITZ, 2011[1974]), e começa a caminhar em direção a ideias mais subjetivas, possivelmente relacionadas a *escolhas* de caráter sociocultural e toda a gama de instituições nela encerradas.

Assim, a concepção do que seriam os motivos decorativos presentes nas coleções também teve que ser revista e amplamente alargada. Se pensamos apenas nos tradicionais padrões analíticos dos motivos decorativos (LA SALVIA & BROCHADO, 1989), as ocorrências foram pouco significativas. Por exemplo, contemplam as coleções 27 peças apresentando “pintura branca” na face interna, e outras 28 peças que apresentaram motivos decorados plásticos na face externa, tipo espatulado ou digitado.

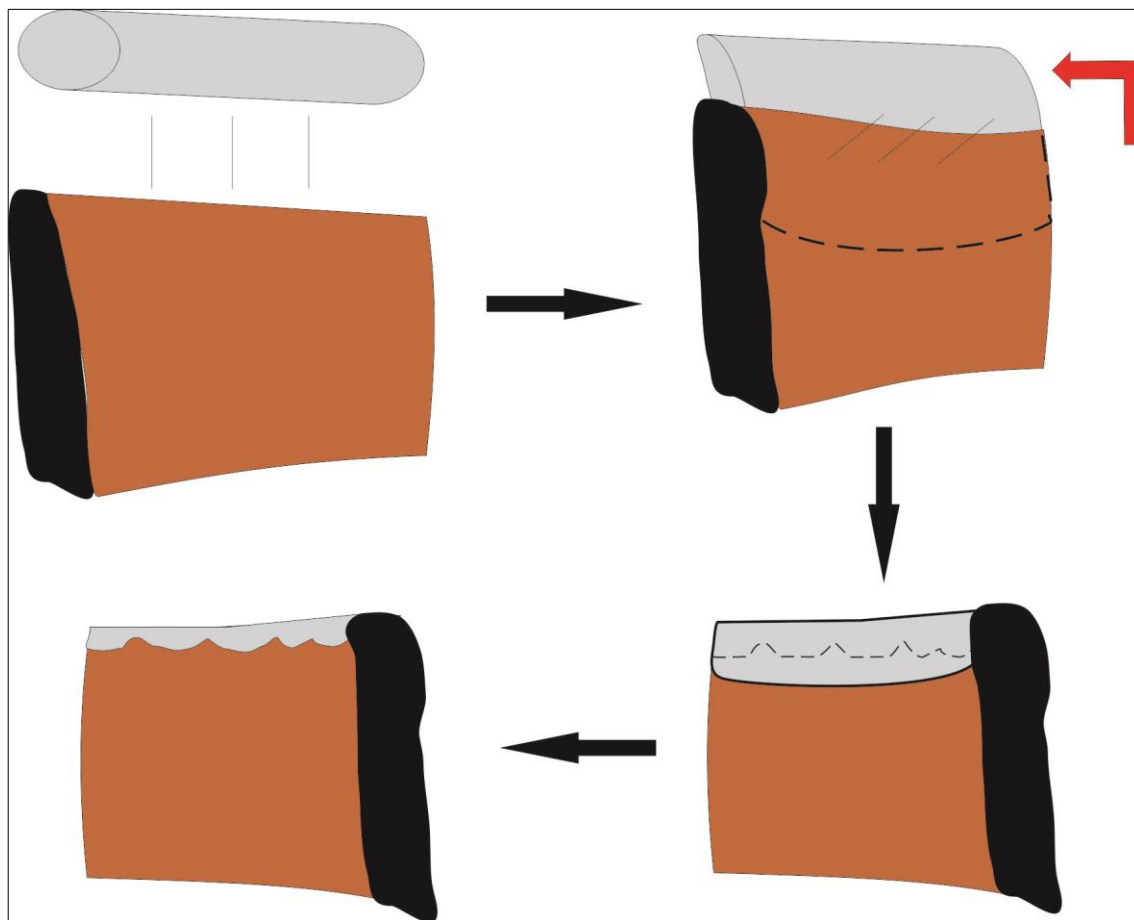
Contudo, quando pensamos que alguns dos, até então, entendidos como vestígios de produção poderiam, por não terem sido eliminados durante etapas finais de produção, se tratar de manifestações decorativas, temos outras 23 peças que apresentaram, também na face externa, o que nomeei – na falta de um termo melhor – de exposição dos roletes, algo similar ao tradicional corrugado, mas que aparentemente não objetiva a ocultação dos roletes, e tem aplicação realizada de maneira a acompanhá-lo. Esta decoração foi verificada majoritariamente na coleção PSG-07, mas com algumas ocorrências em amostras das coleções PSG-03 e PSG-04. Ainda, impressões de dedos e unhas (51 ocorrências das primeiras e 20 das últimas) verificadas nas coleções e, até então, entendidas como vestígios de produção, uma vez que não formavam um padrão muito claro de dispersão sobre a superfície dos fragmentos, também começaram a ser caracterizadas como possíveis decorações (fig. 05).

Mas o que chamou a atenção, a partir deste momento, no “novo e expandido” campo das decorações plásticas, foi a recorrência de um tipo de decoração verificado na coleção do cerrito PSG-07, até então não identificada na bibliografia de referência, e de aplicação restrita ao lábio dos vasilhames, muito semelhante a um arremate produtivo, contudo de terminação similar a um “babado” ou “saia”. Aparentemente, após a aplicação de um rolete de reforço no lábio, provavelmente a partir da face interna da vasilha, uma porção “sobressalente” seria modelada e “dobrada” para baixo, em direção à base do pote e ao longo de sua porção externa, para posteriormente ser modelado (fig. 06).

Figura 5 - Acima e à esquerda: fragmento de parede com borda digitada; abaixo e à esquerda: fragmento de bojo com face externa ungulada; abaixo e ao centro: face externa de fragmento de bojo espatulada; abaixo e à direita: fragmento de face externa com “exposição dos roletes”; acima e ao centro e à esquerda: fragmentos de borda com “lábio modelado”.
Fotos: Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro.



Figura 6 - Esquema de confecção da decoração tipo “lábio modelado”.
Elaboração: Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro.



CONCLUSÕES

O estudo das cerâmicas do complexo cerriteiro do Pontal da Barra indica que as populações cerriteiras dispunham de técnicas e habilidades necessárias para a elaboração de objetos com acabamentos que poderiam ser considerados sofisticados e, assim, sua escolha por não adotá-las como regra pode estar mais relacionada a restrições ou contingências socioculturais e/ou ontológicas desses grupos que à inaptidão ou limitação técnica, diagnóstico comum da “arqueologia tradicional”. Contudo, para se avançar de maneira mais significativa na elaboração de hipóteses e interpretações que, de fato, forcem os limites da “arqueologia cerriteira tradicional”, certas dicotomias modernas devem ser superadas, como as tradicionais contraposições entre sujeito x objeto ou sagrado x profano, por exemplo.

Primeiramente, sugiro que, deixando de lado a dualidade sagrado x profano (que, no caso dos grupos cerriteiros, tende a considerar o cerrito em si como o “sagrado” e os outros vestígios materiais destes grupos como “profanos”) não apenas os cerritos em si, mas as próprias cerâmicas cerriteiras, mais que simples “tralha doméstica utilitária” – um termo que, diga-se de passagem, por seu caráter pejorativo deve ser abolido de qualquer estudo referente à cultura material de coletivos animistas – podem ter sido, também,

elementos ativos no cotidiano da imbricada rede de relações estabelecidas pelo coletivo, agentes fundamentais na transmissão, manutenção e mediação das relações entre as diferentes “facetas” do mundo que este coletivo habitava. Para tanto, basta pensarmos que tão importante quanto as cestarias utilizadas para o transporte de sedimentos que constituem um cerrito (GIANOTTI & BONOMO, 2013), seriam também os potes cerâmicos utilizados na produção da vasta quantidade de alimento para aqueles que os construíam e cujos restos também o constituem, juntamente, é claro, dos próprios cacos cerâmicos. Deste viés, mais do que material “secundário” de análise, as cerâmicas estariam entre os poucos vestígios duráveis relacionados à construção e viabilização dos próprios cerritos.

Agora, partindo de uma perspectiva animista e abolindo a dicotomia tradicional entre sujeito e objeto, se observados de perspectiva não humanocêntrica, inclusive a própria comparação feita anteriormente entre as funções “transformadoras” da cerâmica e do xamã não é de todo descabida. Elaine Wanderley (WANDERLEY, 2013), por exemplo, durante suas pesquisas de campo entre os Apurinã, colheu um relato interessantíssimo de uma senhora oleira desta etnia que, ao ver uma foto de vaso antropomorfo, explicou à pesquisadora que aquele pote, quando produzido, era um pote “comum”, mas que fora utilizado para o consumo de carne humana e que, somente após este acontecimento, ele assumira a forma antropomórfica que apresenta hoje. Ora, isso é *metamorfose* como caracterizada por Viveiros de Castro (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) e muitos outros: o pote trocou de “roupa” (exterioridade) e assumiu uma forma antropomórfica, exatamente como xamãs, espíritos e predadores tendem a fazer durante contatos interespecíficos.

Outra interessante hipótese interpretativa ainda pode ser levantada, embasada, agora, na concepção animista destes vasilhames como coisas vivas. Se além de adotarmos o entendimento dos potes como *sujeitos*, abolirmos a tradicional distinção realizada nos estudos arqueológicos entre morfologia e decoração, temos que, se por um lado a baixa variabilidade morfológica destes potes pode ser um indicativo de “rigidez corporal” como apresentado em minha caracterização do animismo, a grande variabilidade de decorações plásticas e tratamentos de superfícies, por outro lado, pode ser um indicativo de caracteres distintivos destes corpos, fazendo com que por mais semelhantes que possam parecer, sejam corpos diferentes porque são *seres diferentes*: como todos nós sabemos, todas as onças são manchadas e todas as zebras são listradas, mas não existem duas zebras ou duas onças que apresentem o mesmo padrão de manchas ou listras. Aqui também temos alguns postulados etnográficos que podem se fazer úteis: os relatos colhidos por Fabíola Silva (SILVA, 2000) entre as oleiras Assurini, por exemplo, fazem menção constante à necessidade de um bom alisamento do pote, pois a superfície do pote se equivale à sua “pele”; e as pesquisas de Christine VanPool e Elizabeth Newsome (VANPOOL & NEWSOME, 2012), entre grupos Pueblo do sudoeste estadunidense, estão repletas de relatos valiosíssimos sobre como as oleiras destes grupos entendem suas cerâmicas como seres repletos de “força vital”, e são uma espécie de segunda-mãe/parteira para os potes, dizendo, inclusive, que não são elas quem

atribuem a forma aos vasilhames, tais formas são determinadas pela própria argila durante o processo de confecção.

Diante destes apontamentos, acho que não parece estar muito fora do espectro do possível, em primeiro lugar, uma correlação entre as oleiras Pueblo e Assurini e a percepção que ambos os coletivos parecem ter sobre como seus vasilhames são muito mais que objetos utilitários e cada marca deixada durante o processo de produção, é, na verdade, uma característica intrínseca “de nascença” do pote. De maneira analógica, proponho que as variadas marcas de produção, além das “tradicionais” decorações plásticas presentes nas cerâmicas cerriteiras, sejam também “marcas de nascença” que distinguem cada um destes indivíduos, cada um destes seres vivos. E assim, encerrando tal exercício hipotético-interpretativo, não me parece forçoso concluir que, como seres, como *coisas vivas*, o principal campo de atuação destas cerâmicas no contexto diário do coletivo cerriteiro pode muito bem ter sido o papel de “*mãe do cozido*”.

Concluindo como iniciei esta apresentação, uma abordagem diferenciada, neste caso ontologicamente orientada, abre portas para interessantes e alternativas vias interpretativas que, por sua vez, podem alterar significativamente a compreensão que temos hoje dos coletivos cerriteiros que, no passado, ocuparam a região sul do Brasil. Vale reforçar que, por trás daquela ideia de ceramistas simples e incapazes, reside uma perspectiva preconceituosa sobre estas populações indígenas, compreendidas como “marginais” em um cenário de baixo desenvolvimento cultural. Neste trabalho, além de realizar um esforço pela desconstrução de tal visão, tento oferecer contribuições interpretativas sobre estes coletivos que sejam mais próximas do pensamento nativo, uma vez que compartilho da visão de que os povos nativos pretéritos não possuem a obrigação de corresponder às nossas expectativas ocidentais, ao contrário, nós devemos nos desdobrar para entendê-los, por si mesmos e a partir de si mesmos. Nós devemos adequar nossas análises aos seus vestígios, e não tentar enquadrá-los em parâmetros analíticos pré-determinados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, B. 2006. "Destabilizing Meaning in Anthropomorphic Forms from Northwest Argentina." *Journal of Iberian Archaeology*, n. 9-10: 209-230.
- ALBERTI, B.; FOWLER, S. HOLBRAAD, M. MARSHALL I. e WITMORE C. 2011. "Worlds Otherwise": Archaeology, Anthropology, and Ontological Difference. *Current Anthropology*, v.52, n.6: 896- 903.
- BAPTISTA DA SILVA, S. 2008. Contato interétnico e dinâmica sociocultural: os casos guarani e kaingang no RS. In: BERGAMASCHI, M. A. (Org.). *Povos indígenas & educação*. 1 ed. Porto Alegre: Mediação, pp. 29-43.
- BAPTISTA DA SILVA, S. 2010. Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos guarani. In: PROUS, A. & TANIA A. L. (Org.). *Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos*. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, v. 3, pp. 115-148.
- BAPTISTA DA SILVA, S. 2013. Cosmo-ontológica mbyá-guarani: discutindo o estatuto de “objetos” e “recursos naturais”. *Revista de Arqueologia - Sociedade de Arqueologia Brasileira*, São Paulo, v. 26, n1: 42-56.

- BELLETTI, J. S. 2010. *Uns caquinhos num montão de terra: o que fazer com eles? Discussões sobre cerâmica em cerritos no sudoeste da Laguna dos Patos - Rio Grande do Sul/Brasil* (Tese de Conclusão de Curso). Pelotas, UFPel. 202pp.
- BRONITSKY, G.; HAMER, R. 1986. Experiments in Ceramic Technology: The Effects of Various Tempering Materials on Impact and Thermal-Shock Resistance. *American Antiquity*, v. 51, n.1: 89-101.
- CABRERA PÉREZ, L. 2013, Construcciones en tierra y estructura social en el Sur del Brasil y Este de Uruguay (Ca. 4.000 a 300 a. A.P.). *Techne*, n.1: 25-33.
- CHMYZ, I. 1976. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, v.1, n.1: 119-148.
- COPÉ, S. 1991. A ocupação pré-colonial do sul e sudeste do Rio Grande do Sul. In: KERN, A. A. (org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. 1ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, pp. 191-220.
- DESCOLA, P. 2002. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.8, n.18: 93-112.
- DESCOLA, P. 2006. Beyond Nature and Culture. Radcliffe-Brown Lecture in Social Anthropology, 2005. *Proceedings of the British Academy*, n. 139: 137-155.
- DIAS, A. S. 1995. Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA. *Revista do CEPA*, v.19, n. 22: 25-39.
- FAUSTO, C. 2002. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. In: *Mana*, v.8, n.2: 07-44.
- FINKLER, R. R. 2014. *Análise do perfil tecnológico da indústria cerâmica do cerrito PSG-06 Valverde, Pelotas/RS-Brasil* (Tese de Conclusão de Curso). Pelotas, UFPel. 92pp.
- GIANOTTI, C.; BONOMO, M. 2013. De Montículos A Paisajes: Procesos De Transformación Y Construcción De Paisajes En El Sur De La Cuenca Del Plata. *COMECHINGONIA, Revista de Arqueología*, v.17, n. 2: 129-163.
- GOMES, D. M. C. 2012. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v.7, n.1: 133-159.
- INGOLD, T. 2000. Society, nature and the concept of technology. In: INGOLD, T. *Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London/New York: Routledge, pp. 312-322.
- INGOLD, T. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.18, n.37: 24-44.
- INGOLD, T. 2013. Repensando o animado, reanimando o pensamento. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v.7, n.2: 10-25.
- IRIARTE, J. 2007. La construcción social y transformación de las comunidades del Periodo Formativo Temprano del sureste de Uruguay. *Boletín de Arqueología PUCP*, n.11: 143-166.
- LAGROU, E. 2009. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/Arte, 129pp.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. 1989. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato & Cultura, 175pp.
- LATOUR. B. 1994. *Jamais fomos modernos – ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 152pp.
- LATOUR. B. 2006. Como prosseguir a tarefa de delinear associações? *Configurações*, n. 2: 11-27.
- LAW, J. 1992. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. *Systems Practice*, n.5: 379-393.

- LEMONNIER, P. 1986. The study of Material Culture today: towards an anthropology of technical systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, n.5: 147-186.
- LEMONNIER, P. 1993. Introdução. In: LEMMONIER, P. (ed). *Technological Choices: Transformation in material cultures since the neolithic*. London/New York: Routledge, pp. 01-35.
- LIMA, A. G. M., 2013. Uma Biografia do Kájre, a machadinha Krahô. In: GONÇALVES, J.R.S.; GUIMARÃES, R. S. & BITAR, N. P. (orgs). *A Alma das Coisas: patrimônios, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: MAUAD & FAPERJ, pp. 185-210.
- LOPEZ MAZZ, J. M.; BRACCO, D. 2010. *Minuanos. Apuntes y notas para la historia y la arqueología del territorio Guenoa-Minuan (Indígenas de Uruguay, Argentina y Brasil)*. 1ª ed. Montevideo: Linardi y Risso, 342pp.
- MILHEIRA, R. G. 2014a. *Arqueologia e História indígena do pampa: estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim*. Relatório de projeto de pesquisa. Pelotas, 74pp.
- MILHEIRA, R. G. 2014b. *Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e serra do Sudeste*. Pelotas: Editora da UFPel, 304pp.
- NAUE, G.; SCHMITZ, P. I.; BASILE BECKER, I. I. 1968. A cerâmica dos Aterros de Rio Grande, RS. In: *Ciência e Cultura*, v.20, n.2: 458-459.
- OLSEN, B. 2007. Genealogías de la asimetría: por qué nos hemos olvidado de las cosas. *Complutum*, v. 18: 283-319.
- PFAFFENBERGER, B. 1992. Social Anthropology of Technology. *Annual Review of Anthropology*, v.21: 491-516.
- PFAFFENBERGER, B. 2001. Symbols do not create meanings – activities do: or, why symbolic anthropology needs the anthropology of technology. In: SCHIFFER, M. (org). *Anthropological perspectives on technology*. Albuquerque, University of New Mexico Press, pp: 77-86.
- PROUS, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 605pp.
- RICE, P. M. 1987. *Pottery analysis: a source book*. Chicago: University of Chicago Press, 559pp.
- RICARDO RIBEIRO, B. L.; MILHEIRA, R. G. 2015. A Cerâmica dos Cerritos no Pontal da Barra – Pelotas/RS: Por Uma (Necessária) Revisão Conceitual da Tradição Vieira. In: *Teoria e Sociedade*, v.23, n.1: 71-96.
- RODRIGUES, I. M. M. 2011. *Fora das grandes aldeias: a ocupação do recôndito sítio arqueológico Veredas III* (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: UFMG. 318pp.
- SCHIFFER, M. B. SKIBO, J. M. 1987. Theory and Experiment in the Study of Technological Change. *Current Anthropology*, v.28, n.5: 595-622.
- SCHMITZ, P. I. 2011[1976]. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. Tese de Livre Docência. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 280pp.
- SCHMITZ, P. I.; NAUE, G.; BASILE BECKER, I. I. 2006. Os aterros do sul: a tradição Vieira. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 5*: 101-124.
- SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. 1979. A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, n.32: 02-19.
- SHANKS, M. I. 2007. Arqueología Simétrica. *Cumplutum*, v.18: 292-295.
- SILVA, F. A. 2000. *As Tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Assurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueológica*. (Tese de Doutorado) São Paulo, USP. 265pp.

- STEWART, J. H. 1946. *Handbook of South American Indians. Vol. 1. The Marginal Tribes*. Washington, D.C. Smithsonian Institution – Bureau of American Ethnology, Bulletin 143.
- VANPOOL, C. S.; NEWSOME, E. 2012. The Spirit in the Material: A Case Study of Animism in the American Southwest. *American Antiquity*, v.77, n.2: 243-262.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1978. A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, J. P. (org). *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Marco Zero, pp.31-41.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. *A inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: COSAC & NAIFY, 551pp.
- WANDERLEY, E. C. G. 2013. *É pote de parente antigo! A relação de indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu com os sítios e objetos arqueológicos, Lábrea/AM*. (Dissertação de Mestrado). Belém, UFPA, 198pp.
- WEBMOOR, T. WITMORE, C. 2008. Things are us! A Commentary on Human/Things Relations under the Banner of a “Social” Archaeology. *Norwegian Archaeological Review*, v.41, n1: 53-70.
- WEBMOOR, T. 2007. Un giro más tras el “giro social”. El principio de la simetría en arqueología. *Complutum*, v.18: 296-304.
- WITMORE, C. 2007. Arqueología Simétrica: un manifiesto breve. *Cumplutum*, v.18: 305-312.